



## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A BUSCA PELA EQUIDADE DE GÊNERO NA VISÃO DE DOCENTES

### SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: THE SEARCH FOR GENDER EQUITY FROM THE VIEW OF TEACHERS

### EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: LA BÚSQUEDA DE LA EQUIDAD DE GÉNERO DESDE LA MIRADA DE LOS DOCENTES

Luis Eduardo Lima Santos • Edvaldo César da Silva Oliveira • Josivaldo dos Santos de Barros •  
Fabiana de Andrade Ferreira Vasconcelos

#### Resumo

Este artigo buscou refletir acerca das diferenças de participação de escolares do gênero masculino e feminino nas aulas de Educação Física escolar na perspectiva dos docentes da área. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e abordagem quantitativa, tendo como participantes 19 professores de Educação Física da Educação básica. Utilizou-se como instrumento para coleta de dados um questionário com doze questões fechadas, sendo aplicado aos participantes através da ferramenta *Google Forms*. Os dados quantitativos foram analisados a partir de estatística descritiva, partindo da construção de gráficos. A análise dos resultados revelaram que as diferenças de participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física ainda constituem uma problemática recorrente no contexto escolar e que muitos docentes da área ainda estão presos ao ensino tradicional, que muitas vezes contribui para reforçar tais desigualdades.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Docentes; Gênero.

#### Abstract

This article sought to reflect on the differences in participation of male and female students in school Physical Education classes from the perspective of teachers in the area. This is a descriptive study with a quantitative approach, with 19 Physical Education teachers from basic education as participants. A questionnaire with twelve closed questions was used as an instrument for data collection, being applied to participants using the Google Forms tool. Quantitative data were analyzed using descriptive statistics, starting from the construction of graphs. The analysis of the results revealed that the differences in the participation of boys and girls in Physical Education classes still constitute a recurring problem in the school context and that many teachers in the area are still tied to traditional teaching, which often contributes to reinforcing such inequalities.

**Keywords:** School Physical Education; Teacher; Gender.

#### Resumen

Este artículo buscó reflexionar sobre las diferencias en la participación de estudiantes y alumnas en las clases de Educación Física escolar desde la perspectiva de los docentes del área. Se trata de un estudio descriptivo con enfoque cuantitativo, donde participaron 19 docentes de Educación Física de educación básica. Se utilizó como instrumento de recolección de datos un cuestionario con doce preguntas cerradas, aplicándose a los participantes mediante la herramienta Google Forms. Los datos cuantitativos fueron analizados mediante estadística descriptiva, a partir de la construcción de gráficos. El análisis de los resultados reveló que las diferencias en la participación de niños y niñas en las clases de Educación Física aún constituyen un problema recurrente en el contexto escolar y que muchos docentes de la zona aún están atados a la enseñanza tradicional, lo que muchas veces contribuye a reforzar tales desigualdades.

**Palabras clave:** Educación Física Escolar; Maestro; Género.





## INTRODUÇÃO

Segundo a Base Nacional Comum curricular (BNCC), a Educação Física, enquanto componente curricular obrigatório da Educação básica, objetiva a formação integral do estudante, valorizando o desenvolvimento de sua autonomia, do pensamento crítico, cooperação, responsabilidade e respeito ao outro, a partir da vivência da cultura corporal de movimento, que compreende práticas corporais diversas como danças, esportes, jogos, brincadeiras, lutas, ginásticas e práticas de aventura (Brasil, 2018). A normativa anterior a BNCC, preconizada nos PCN's, traz a ideia de que essa disciplina deve "dialogar com o contexto social e cultural do aluno" e tratar de "temas transversais" (como saúde, mídia, gênero, preconceito, consumo), também é papel dessa disciplina de acordo com os PCN's dialogar com questões socioculturais presentes nas diversas realidades dos alunos, entre outros aspectos, como forma de construir indivíduos mais comprometidos socialmente com a diversidade e diferenças existentes no tecido social (Brasil, 1997).

Neste sentido, o professor de Educação Física possui papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da disciplina, devendo oportunizar uma diversidade de práticas e vivências para todos os seus alunos, considerando suas características físicas, culturais, sociais, emocionais e psicológicas. Entretanto, ao voltar o olhar para a realidade cotidiana de grande parte das escolas brasileiras, verifica-se que muitos professores da área encontram dificuldades para alcançar efetivamente tais objetivos (Malvar; Souza Júnior, 2021).

Isso acontece porque a Educação Física escolar enfrenta problemáticas que desafiam o ensino adequado da disciplina, como por exemplo, as questões relacionadas à temática de gênero, que por sua vez têm potencializado as desigualdades entre meninos e meninas, podendo ser componente que afasta os escolares cada vez mais das aulas desse componente curricular (Goellner, 2010; Altmann, 1999; Malvar; Souza Júnior, 2021).

Historicamente, as aulas de Educação Física são entendidas a partir de um pensamento estereotipado e preconceituoso de que atividades de força e virilidade estão mais associadas ao gênero masculino, enquanto exercícios rítmicos, delicados e de suavidade apresentam maior relação com o gênero Feminino (Daolio, 1995; Souza Júnior, 2020; Altmann, 1999). Essa forma de classificar as práticas corporais da Educação Física, associado à uma cultura baseada no patriarcado, poderá contribuir para potencialização de casos de machismo e até homofobia nas aulas.





Ao pensar a Educação Física como um espaço de inclusão em que alunos possam conviver e aprender de forma coletiva, cooperando e respeitando os colegas, professores e demais indivíduos ao seu redor, é importante que os professores da área atentem o olhar para as relações de gênero presentes na disciplina, a fim de tornar a sua “quadra de aula” um ambiente em que todos os seus alunos, independente de sexo ou gênero, sintam-se acolhidos e pertencentes. Neste sentido, o presente estudo buscou refletir acerca das diferenças de participação de escolares do gênero masculino e feminino nas aulas de Educação Física na perspectiva dos docentes da área.

### QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PRÁTICAS ESTEREOTIPADAS

Durante anos, a palavra gênero foi vista como sinônimo de sexo, sendo entendido como algo puramente biológico, a partir das diferenças anatômicas entre homem e mulher (Pereira, 2004; Marsicano; Tesser, 2024). A partir do aumento dos estudos a cerca dessa temática, o conceito de gênero passou a ter novos significados. De acordo com (Zanchetta *et al.*, 2025; Scott, 1995), o gênero pode ser visto como uma categoria culturalmente construída a partir das relações entre os indivíduos, utilizada para justificar diferenças entre os sexos masculino e feminino, não significa dizer que não podemos encontrar indivíduos do sexo masculino com uma feminilidade presente e vice versa. De maneira semelhante, Goellner (2009) entende gênero como algo inacabado, uma construção social que acontece no dia a dia de um sujeito, considerando aspectos sociais, culturais e históricos.

Judith Butler (2002; 2014) enxerga gênero a partir do que a autora chama de performatividade dos indivíduos. Em síntese, a autora entende que o gênero está presente em tudo que fazemos, dizemos e pensamos em nosso cotidiano. Neste sentido, a autora supracitada faz uma crítica as normas que sustentam os estereótipos de gênero, que por sua vez podem ser entendido como ideias pré-concebidas e generalizadas sobre como homens e mulheres devem se comportar, com base apenas em seu sexo biológico ou identidade de gênero. Esses estereótipos são aprendidos socialmente e podem influenciar profundamente o comportamento, as oportunidades e as relações pessoais e profissionais (Buttler, 2014).

No cenário acadêmico-científico, as relações entre a teoria crítica, representada por autores como José Carlos Libâneo, e as teorias pós-críticas, como as de Judith Butler, configuram-se por um movimento dialético de distanciamentos e aproximações, apesar do objetivo do artigo não ser fazer essas observações epistemológicas, acredito fazer uma pequena explicação sobre essa questão pertinente.





O distanciamento reside, primariamente, na ontologia e no projeto político-pedagógico: enquanto Libâneo (2013) ancora-se na tradição marxista, defendendo a escola como um espaço privilegiado de transmissão do conhecimento sistematizado e de formação de uma consciência crítica para a transformação social estrutural, Butler desloca o foco para a desconstrução dos regimes de verdade, performatividade e processos de subjetivação, vendo com desconfiança qualquer fundamento universalista ou a centralidade em sujeitos políticos pré-definidos pela luta de classes.

As aproximações emergem na recusa comum ao neoliberalismo e à lógica mercadológica na educação, assim como na luta interseccional contra as múltiplas formas de opressão e exclusão. Ambos os campos compartilham, ainda que por vias distintas, um compromisso com a emancipação humana, mas enquanto a crítica busca essa libertação pela via do saber objetivo e da práxis revolucionária, a pós-crítica a busca pela afirmação da diferença, pela ética da vulnerabilidade e pela problematização dos mecanismos de normalização que produzem hierarquias sociais.

O confronto entre essas perspectivas no meio científico gera tensões produtivas, onde a teoria crítica acusa a pós-crítica de um relativismo que esvazia a possibilidade de ação coletiva organizada, enquanto a perspectiva pós-crítica critica a crítica por seu essencialismo e por, por vezes, reproduzir silenciamentos em nome de uma totalidade abstrata.

Assim, o diálogo entre Libâneo e Butler no campo educacional e científico não se dá por consenso, mas por um embate epistemológico que força ambas as correntes a refinarem seus conceitos, reconhecendo que a complexidade do fenômeno educativo contemporâneo exige tanto a análise das determinações materiais quanto a compreensão dos processos microfísicos de poder e identidade.

Um assunto tão importante para as relações interpessoais, assume todos os espaços de discursão presentes no contexto que qualquer sociedade minimamente organizada. Nessa perspectiva a escola não poderia se furtar a contribuir com essa temática social.

A escola também é lugar onde as questões advindas das relações de gênero são cada vez mais frequentes. Altmann (1999) observou em seus estudos que durante os momentos de recreio, os meninos ocupavam os espaços físicos da escola de maneira bem mais ampla, quando comparados às meninas.

No ambiente escolar, tais estereótipos são frequentemente reforçados por discursos e práticas pedagógicas que valorizam a força, a competitividade e a agressividade como traços "naturais" dos meninos, e a delicadeza, a passividade e a estética como características femininas, de forma que tudo que não esteja alinhado à essa ideia construída socialmente seja considerado divergente e desviante (Silva;





Silva, 2026; Louro, 1997). Neste sentido, essas relações se manifestam nas aulas de Educação física de forma que atividades como futebol e lutas são normalmente associadas ao público masculino, enquanto dança e ginástica associam-se mais ao feminino (Garcia; Pereira, 2019). O que não impossibilita que pessoas do sexo masculino tenham algumas características femininas em suas atitudes sociais e o contrário também se apresenta. Essas distinções não apenas limitam as possibilidades de participação e expressão corporal, mas também podem, talvez, acabar reforçando uma lógica binária, que já não é mais reconhecida unanime como representação social vigente, que exclui identidades que não se encaixam nesses padrões, acarretando discriminação, violência e segregação.

De acordo com Pautu, Petracovschi e Domokos (2025), Mallén-Lacambra (2024) e Kunz (1994), essa lógica de que os meninos são mais aptos para atividades físicas intensas, enquanto as meninas seriam frágeis ou desinteressadas, reforça uma cultura corporal excludente, na qual as meninas são frequentemente marginalizadas ou desestimuladas a participar de determinadas práticas corporais. Esse cenário torna evidente a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física, promovendo a equidade e a valorização da diversidade. Lembrando que a definição de masculinidade e feminilidade estão compostas numa densa camada de interpretações e vivências individualizadas, pois homens podem ter atitudes femininas e mulheres podem ter atitudes masculinas de acordo com suas construções sociais e entendimentos de mundo.

## O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Diante do cenário que envolve as questões de gênero presentes no ambiente escolar e sobretudo nas aulas de Educação física, o professor pode assumir papel de extrema importância, deparando-se com o desafio de repensar suas práticas profissionais que devem estar alinhadas ao currículo escolar, importante entender currículo como Longe de ser um documento técnico ou uma lista neutra de conteúdos, o currículo revela-se como um campo de disputa onde se confrontam projetos de nação e visões sobre o papel da escola na contemporaneidade.

Uma das questões que emerge com força nas análises recentes é a tensão entre a padronização proposta por políticas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a necessária autonomia dos contextos locais. Conforme apontam Pereira e Moraes (2025, p. 2), a BNCC foi elaborada “em um contexto marcado por divergências entre as concepções de sociedade e educação defendidas pelos formuladores da política e aquelas presentes no debate acadêmico”. Essa observação nos convida a





olhar para o currículo não como um dado pronto, mas como um processo em constante negociação, onde diferentes atores — gestores, professores, comunidades — exercem agência sobre aquilo que efetivamente acontece nas escolas.

A noção de currículo como prática, e não apenas como prescrição, torna-se fundamental. Há um abismo entre o currículo formal, expresso nos documentos oficiais, e o currículo em ação, aquele que se materializa no cotidiano das salas de aula, refletindo diretamente nas aulas e impactando a participação e aderência dos alunos, em especial aqui as meninas. Esse hiato, longe de ser um problema a ser solucionado pela via da fiscalização ou do controle, pode ser compreendido como um espaço de criação, resistência e reinvenção pedagógica.

Outro movimento importante nas reflexões contemporâneas diz respeito à ampliação das finalidades do currículo para além da dimensão cognitiva. Estudos recentes têm destacado a importância das competências socioemocionais e sua integração ao trabalho escolar. Como ressaltam Araujo e Oliveira (2022, p. 7), “as competências socioemocionais contribuem para a melhor formação e desenvolvimento dos estudantes de forma integral, e quando são trabalhadas no ambiente escolar, permitem um rompimento de currículos convencionais e tradicionalistas”. Refletir a cerca de suas estratégias pedagógicas e sua linguagem cotidiana. A superação desses obstáculos exige uma postura crítica, ética e sensível às diferenças, que defendem a escola como espaço de construção de identidade e de ruptura com padrões discriminatórios.

O professor de Educação Física precisa atuar como agente de transformação, promovendo práticas que valorizem a equidade de gênero. Isso implica, por exemplo, oferecer as mesmas oportunidades de participação para todos os estudantes, independentemente de seu sexo, identidade ou expressão de gênero. Entretanto, de acordo com Garcia e Pereira (2019) a realidade encontrada em grande parte dos pátios escolares é de atuações docentes que acabam estimulando as diferenças e desigualdades entre meninos e meninas, visto que muitas vezes as atividades são planejadas com foco em esportes tradicionalmente associados ao masculino, como o futebol, sendo oferecidas poucas oportunidades para que as meninas participem de maneira equitativa e significativa.

Oliveira e Jaeger (2022) destacam que promover a equidade de gênero na escola está muito além do que oferecer as mesmas oportunidades para alunos e alunas ou apenas inserir estes em um mesmo espaço, visto que há a necessidade de entender que o ponto de partida da aprendizagem de meninos e meninas não é mesmo. Segundo Pinho e Sousa (2015), a diferença está associada ao tempo de





escolarização, não à idade cronológica, sugerindo que fatores relacionados ao ambiente escolar e ao currículo são determinantes, e não diferenças inatas. Fato observado também por Martínez Lorenzo *et al.* (2025), em idade escolar, meninos se saem melhor em habilidades de controle de objetos, enquanto meninas se destacam em estabilidade e locomoção. Novamente, as diferenças são específicas do domínio e não indicam uma vantagem inata geral para um sexo, sendo assim, podemos apontar para o ambiente escolar e as expectativas culturais como os principais agentes na construção das disparidades de gênero.

Além disso, é necessário questionar as estruturas hierárquicas de poder entre os gêneros dentro da aula, intervindo quando houver atitudes discriminatórias, como piadas homofóbicas ou exclusão de colegas. Para Kray *et al.* (2025) o poder é "culturalmente codificado como masculino", criando reações adversas sistemáticas contra mulheres atuando como mecanismo psicológico nas hierarquias de gênero. Segundo Shaoib, Abdullah e Baneen (2026), relações de poder de gênero são reproduzidas, negociadas e desafiadas por meio de hierarquias estruturais, currículos e interações em sala de aula. Para Weiner (2026) organizações escolares não são neutras em termos de gênero, destacando como o patriarcado e a branquidade moldaram as políticas/práticas que reificam a discriminação na liderança educacional. Parker (2026) indica que modelos de liderança tradicionais são sustentados por ideologias patriarcais e tecnocráticas, perpetuando hierarquias de gênero.

A formação inicial e continuada do professor também desempenha papel decisivo frente aos obstáculos advindos das questões de gênero na escola. Poloni e Furlan (2022) realizaram uma pesquisa com professores de Educação Física e observaram que 75% dos entrevistados afirmaram não trabalhar a temática de gênero em sua atuação docente. É imprescindível que os cursos de licenciatura em Educação Física, bem como as redes educacionais de ensino incluam discussões sobre gênero, diversidade sexual e direitos humanos em sua grade curricular, preparando os docentes para uma prática crítica e transformadora (Nunes; Votre; Santos, 2012).

É necessário que o docente esteja preparado pedagogicamente para lidar com situações relacionadas a temática de gênero. Para Auad e Corsino (2012), a omissão do professor frente a à questões referente ao gênero, tendem a reforçar discursos e atitudes excludentes entre os estudantes.

No que se refere às ferramentas que podem ser utilizadas pelo professor para tratar de problemáticas de gênero em suas aulas, o diálogo constitui-se como um recurso de grande eficácia. De acordo com Freire (1987), o diálogo surge como um elemento central para uma educação libertadora, que busca a transformação social dos estudantes e o combate às desigualdades. O autor propõe uma educação





dialógica, baseada na escuta, no respeito mútuo e na problematização do mundo, permitindo que educadores e educandos se tornem parceiros na busca por uma sociedade mais justa e consciente.

Todavia, somente o diálogo pode não ser suficiente para garantir que um ambiente coeducativo de valorização a todos os gêneros nas aulas de Educação Física, e por isso, é necessário que a prática pedagógica docente também esteja alinhada para alcançar estes objetivos. Dessa forma, é fundamental que o professor busque qualificar a sua prática pedagógica constantemente ao longo de sua trajetória profissional, apropriando-se de conhecimento e estratégias de ensino inovadoras, que estejam pautadas no respeito, inclusão e na valorização da participação de meninos e meninas nas diversas práticas corporais realizadas nas aulas de Educação Física.

Nos últimos anos, vários estudos foram realizados no âmbito da Educação Física escolar e novas metodologias surgem como possibilidades para combater ou ao menos minimizar as problemáticas de gênero nas aulas. Entre essas propostas destacamos o *Sport Education* (Yao et al., 2025; Zhang et al., 2024; Villafaña-Samper et al., 2026; Rocamora et al., 2025), *Fútbol Callejero* (Eftekhari et al., 2025; Varotto, 2024; Vera Fernández; Pizarro Mateo; Valero Valenzuela, 2025) e o *Teaching Games for Understand* (TGfU)(Pill; Gambles; Griffin, 2023; Ortiz Sebastián, 2023; Marcos Ortiz, 2023; Sanz-Remacha, 2025), que estão pautadas principalmente nos princípios de inclusão, coeducação e participação de todos os escolares, além do Futebol Generificado, uma metodologia de ensino voltadas especificamente para as questão de gênero na Educação Física, na escola e na sociedade de forma geral.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, visando utilizar resultados para minimizar ou solucionar a problemática proposta (Marconi; Lakatos, 1999). A partir de um levantamento bibliográfico acerca da temática estudada, realizou-se estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, abordagem quantitativa, desenvolvida em uma escola municipal, situada na zona rural do município de Castelo do Piauí – PI, unidade pública que oferta ensino de tempo integral, com turmas de 3º ao 9º ano do ensino fundamental. Amostra composta de 19 professores de Educação Física da Educação básica, ficando distribuídos em 11 mulheres e 8 homens, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O instrumento para coleta de dados foi questionário com 12 questões fechadas, sendo aplicado aos participantes através da ferramenta *Google Forms*, disparado ao mesmo tempo para todos os entrevistados. A análise dos dados foi realizada utilizando elementos da estatística descritiva, a partir da



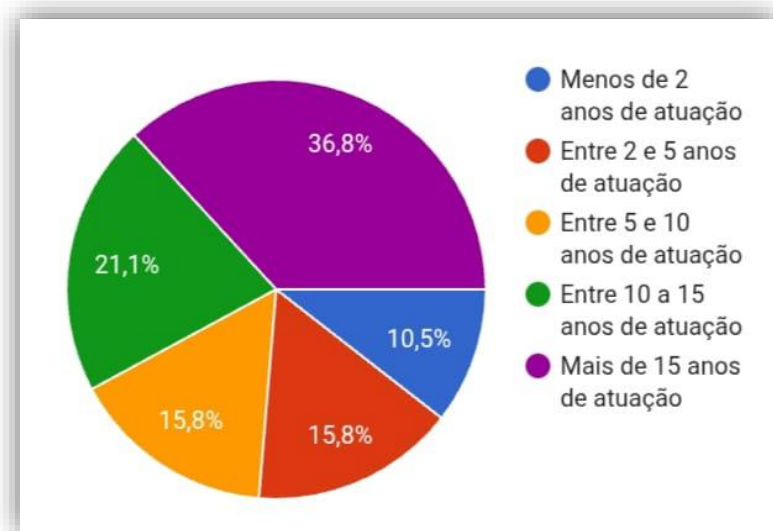


confeção de gráficos e tabelas, gozando de ferramentas como Microsoft Word 2013 e Microsoft Excel 2013. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Tecnologia de Teresina – CET, em atendimento às resoluções do CNS 466/2012 e 510/2016, sendo aprovado sob o parecer Nº 7.605.555.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, o gráfico 1 apresenta o tempo de atuação destes profissionais no âmbito da Educação Física escolar, observando que mais da metade dos professores participantes apresentam vasta experiência no ambiente escolar, configurando profissionais experientes no magistério.

**Gráfico 1** – Tempo de atuação docente na Educação Física Escolar



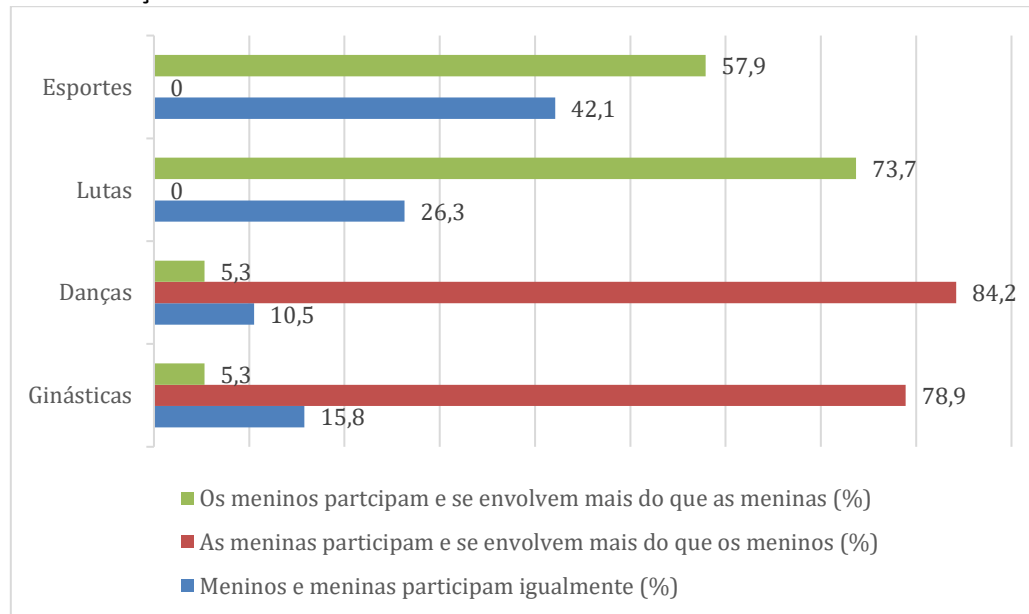
**Fonte:** construção dos autores.

O gráfico 2 apresenta a percepção docente acerca da participação de meninos e meninas nas aulas de Educação física que tematizam os conteúdos de Esportes, Lutas, Danças e Ginásticas.





**Gráfico 2** – Percepção do docente frente a participação de meninos e meninas em aulas de diferentes conteúdos da Educação Física



**Fonte:** construção dos autores.

Observou-se que, no que se refere à participação nas aulas que tematizam o conteúdo de esportes, a maioria dos professores do estudo entendem que os meninos apresentam um maior nível de participação e envolvimento nas atividades realizadas. Algo semelhante foi observado nas aulas que abordam o conteúdo de Lutas, visto que a maioria dos docentes também afirmaram uma maior participação masculina nas atividades propostas. Já nas aulas que trabalham Danças e Ginásticas a situação se inverte: grande parte dos docentes participantes do estudo relataram haver uma maior participação das meninas nestes conteúdos.

Os achados supracitados corroboram com os estudos de uma série de autores (Silva; Silva, 2026; Louro, 1997; Garcia; Pereira, 2019; Daolio, 1995; Souza Junior, 2020; Altmann, 1999) que dialogam sobre o fato de que muitas práticas corporais da Educação Física acabam sofrendo estereótipos de gênero, associando atividades que exigem maior força e virilidade ao público masculino, ao passo que atividades rítmicas e expressivas são mais vivenciadas pelas meninas.

Ainda de acordo com os autores supracitados, uma justificativa para explicar essa realidade presente na escola e especialmente na Educação física se encontra no aspecto sociocultural: Desde a infância, crianças do sexo masculino acabam sendo influenciadas e motivadas por seus pais e parentes a praticarem brincadeiras e atividades enérgicas, viris e competitivas (como por exemplo brincar na rua,



andar de bicicleta, praticar esportes, subir em árvores, entre outras), o que não é comum com crianças de sexo feminino que geralmente são estimuladas a realizarem atividades mais caseiras e delicadas (como por exemplo dançar, brincar de boneca ou ainda ajudar nas tarefas domésticas).

Para Uchoga e Altmann (2016) e Sousa e Altmann (1999) esse distanciamento de meninos ou meninas de uma determinada prática corporal impede que desenvolvam habilidades específicas desta prática, fazendo com que, diante da falta de habilidade, afastem-se ou se neguem a participar por receio do erro e constrangimento. Para Pinho e Sousa (2015), a diferença está associada ao tempo de escolarização, não à idade cronológica, sugerindo que fatores relacionados ao ambiente escolar promovam essa separação de vivências.

Outro fator que nos ajuda a entender essa lógica binária das práticas corporais diz respeito a estrutura discriminatória, preconceituosa e machista em que a sociedade está enraizada e que pode ser encontrada também no ambiente escolar. O espaço escolar recebe a animação do currículo escolar, levando a posicionamentos mais restritivos e preconceituosos ou a pensamentos mais diversos e liberais. É um instrumento com significados que não se resume a uma lista de conteúdos: envolve concepções, interesses e necessidades, relações de poder, performances, trajetórias, vidas, daí ser “documento de identidade” (Silva, 2003; Silva; Costa, 2019).

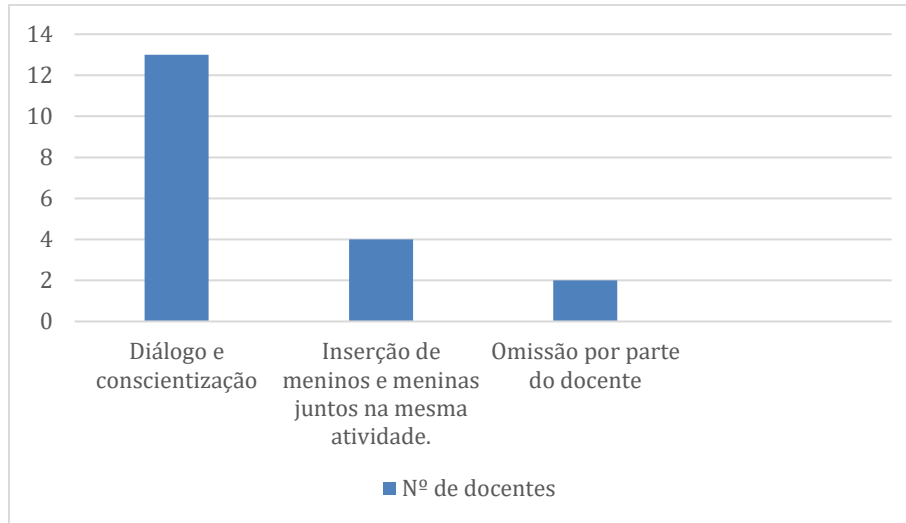
Para Garcia e Pereira (2019), o machismo nas aulas de Educação Física manifesta-se de diversas formas, desde a organização das práticas corporais até o discurso de professores e alunos, perpetuando estereótipos de gênero que favorecem os meninos e desvalorizam a participação das meninas, fruto de uma educação que não valoriza a diferença, tão pouco o multiculturalismo. Nos últimos anos em nossa sociedade, “além da crise que assola as instituições sociais e jurídicas, tanto no ‘campo’ nacional quanto internacional, demonstram o quanto necessário se faz o debate sobre a educação intercultural” (Lopes *et al.*, 2009 *apud* Oliveira, 2010, p. 2).

Quando questionados sobre a ocorrência de casos e situações de preconceito relacionado ao gênero em suas aulas, 17 dos 19 professores afirmaram já terem presenciado alguma atitude ou discurso com teor machista e/ou homofóbico por parte dos estudantes. O gráfico 3 apresenta as estratégias utilizadas pelos docentes para evitar ou minimizar tais situações.





**Gráfico 3** – Estratégias utilizadas pelos professores para evitar ou minimizar situações de preconceito relacionado ao gênero em suas aulas de Educação Física



**Fonte:** construção dos autores.

Pode-se verificar que a maioria dos professores participantes do estudo disseram utilizar o diálogo como recurso para combater possíveis questões de gênero em suas aulas. De fato, dialogar e discutir sobre as diversas temáticas presentes em nossa sociedade é fundamental para a formação de estudantes conscientes, conforme afirma Freire (1987, p. 77) “O diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu–tu. O diálogo é uma exigência existencial”. Para o autor, o diálogo não é apenas uma técnica de comunicação, mas sim uma relação profundamente ética, amorosa e comprometida com a transformação da realidade.

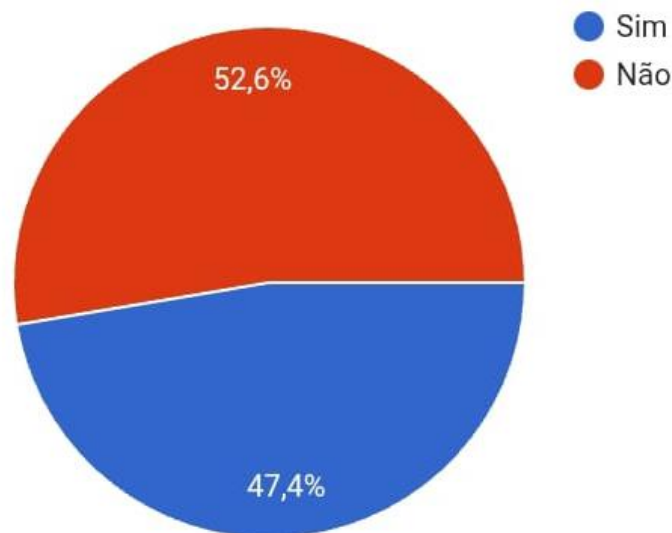
Além do diálogo, outra estratégia adotada diz respeito à promoção de aulas mistas, ou seja, a inserção de meninos e meninas em uma mesma atividade, conforme mencionado por 4 professores do estudo. É certo que a segregação entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física é algo ultrapassado e que não pode mais ser admitido, todavia, é importante fazer uma alerta: apenas agrupar meninos e meninas em um mesmo espaço e/ou atividade pode não ser suficiente para garantir um ambiente coeducativo e pautado na equidade de gênero. Para Oliveira (2010), é necessário assegurar que todos os alunos possam envolver-se e participar ativamente da aula, considerando as características e particularidades de cada indivíduo. Ao atentar-se para estes detalhes, o docente poderá ter um ambiente, de fato, coeducativo. Dessa forma o docente deve atentar-se para o grau de envolvimento e protagonismo dos estudantes nas atividades desenvolvidas.



Observa-se ainda que 2 professores do estudo admitiram certa omissão frente às situações envolvendo a temática de gênero em suas aulas, contribuindo para que essas problemáticas sejam naturalizadas. Para Louro (1997), o professor não deve ausentar-se nestes momentos, visto que a escola é um “lugar privilegiado na construção das identidades de gênero” (p. 20), sendo essencial que educadores reconheçam seu papel ativo nessa construção.

Por fim, os docentes foram questionados sobre seu conhecimento e/ou contato com quatro metodologias de ensino inovadoras (*Sport Education*, Futebol Generificado, *Fútbol Callejero* e *TGfU*) que podem ser utilizadas para trabalhar as questões de gênero e a inclusão de maneira geral nas aulas de Educação física, conforme apresentado no gráfico 4.

**Gráfico 4** – Percentual de docentes que afirmaram ter conhecimento das seguintes estratégias inovadoras: *Sport Education*, Futebol Generificado, *Fútbol Callejero* e *TGfU*



**Fonte:** construção dos autores.

Observa-se que a maioria dos professores que participaram do estudo afirmaram não conhecerem essas estratégias inovadoras, enquanto 47,4% já utilizaram ou ao menos ouviram falar de tais métodos de ensino. Esses achados podem ser preocupantes, alertando uma realidade em que muitos professores ainda estão preso numa pedagogia tradicional.





O contexto educacional contemporâneo exige que o professor esteja em constante atualização. Para Tardif (2002), o saber docente é um saber plural, construído ao longo da carreira, e exige atualização constante para manter sua relevância e eficácia. Dessa forma, diante das mudanças sociais, culturais e tecnológicas, o docente precisa estar em permanente processo de formação para responder de maneira crítica e criativa às novas demandas da prática pedagógica.

Neste sentido, Proctor (2026), Freeman (2023) e Nóvoa (1992) destacam a formação continuada como aspecto essencial e indispensável para uma prática docente crítica, reflexiva e transformadora. Para o autor, trata-se não como algo pontual, mas como um processo permanente de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

O planejamento e a reflexão docente são fundamentais para a construção de práticas pedagógicas eficazes e coerentes com as necessidades dos alunos. Segundo Perrenoud (2000), refletir sobre a prática é um caminho essencial para o desenvolvimento profissional do professor, pois permite a análise crítica das ações educativas e a tomada de decisões mais conscientes. Além disso, o planejamento bem estruturado contribui para a organização do ensino, a definição de objetivos claros e a seleção adequada de metodologias, garantindo maior intencionalidade pedagógica (Libâneo, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as diferenças de participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física ainda constituem uma problemática recorrente no contexto escolar e que muitos docentes da área ainda estão presos ao ensino tradicional, que muitas vezes contribui para reforçar tais desigualdades.

Diante dos desafios impostos pelas questões de gênero na Educação Física escolar, o professor deve assumir uma postura ativa na promoção de um ambiente inclusivo, respeitoso e emancipador. Isso requer conhecimento, sensibilidade e compromisso com os princípios de equidade e justiça social. A desconstrução de estereótipos de gênero é um passo fundamental para que a Educação Física contribua efetivamente para a formação integral de sujeitos autônomos, críticos e respeitosos com a diversidade.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & realidade**, v. 24, n. 2, p. 157-173, 1999.





ARAUJO, Glauce Barros Santos Sousa; OLIVEIRA, Eniz Conceição. Competências socioemocionais no currículo escolar: algumas reflexões. **Dialogia**, n. 41, p. 1-14, 2022.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018

BUTLER, Judith. **Gender trouble**. London, United Kingdom: Routledge, 2002.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2014.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. *In*: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

EFTEKHARI, Ozra *et al.* Design a paradigmatic pattern of street football game development in Iran. **Journal of sport management**, v. 14, n. 3, p. 49-68, 2025.

FREEMAN, Donald. **Rethinking teacher professional development**. London, United Kingdom: Routledge, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Corpo, práticas corporais e relações de gênero na educação física brasileira: uma pesquisa bibliográfica. **Horizontes**, v. 7, n. 14, p. 153-179, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. *In*: OLIVEIRA, Amauri Bassoli de; PERIN, Gianna (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: EdUEM, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

KRAY, Laura J. *et al.* Psychological drivers of gender disparities in leadership paths. **Trends in cognitive sciences**, p. 1-15, 2025.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2013.





LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1997.

MALVAR, Antonio Jorge Martins; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. **Motricidades**, v. 5, n. 1, p. 106-122, 2021.

MALLÉN-LACAMBRA, Carlos *et al.* Educating gender equity through non-competitive cooperative motor games: transforming stereotypes and socio-affective dynamics. **Retos**, v. 60, p. 498-508, 2024.

MARCOS ORTIZ, Lourdes Meroño *et al.* Teaching games for understanding in game performance and psychosocial variables: systematic review and meta-analysis of randomized control trial. **Children**, v. 10, n. 3, p. 1-16, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARSICANO, Ana Carolina de Oliveira; TESSER, Tabata Pastore. Epistemologia essencialista e (anti)feminismos transexcludentes: biologizando o gênero nas redes sociais. **Civitas**, v. 24, n. 1, p. 1-14, 2024.

MARTÍNEZ-LORENZO, Miguel *et al.* Prevalence of fundamental movement skill mastery in school-aged children and adolescents: a systematic review. **BMJ open sport & exercise medicine**, v. 11, n. 4, p. 1-12, 2025.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.

NUNES, Marcello Pereira; VOTRE, Sebastião Josué; SANTOS, Wagner dos. O profissional em educação física no Brasil: Desafios e perspectivas no mundo do trabalho, **Motriz**, v. 18, n. 2, p. 280-290, 2012.

OLIVEIRA, Edvaldo Cesar da Silva. **A apropriação do sentido de percepção do projeto bola na mão gol cidadão pela comunidade da vila bandeirante – Teresina-PI**. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2010.

OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice. Equidade de gênero na formação docente em educação física. **Contexto e educação**, v. 37, n. 118, p. 1-19, 2022.

ORTIZ GÓMEZ, Omar Ricardo *et al.* Teaching Games for Understanding (TGfU) un método de enseñanza comprensiva en educación física: revisión Sistemática de los últimos 5 años. **Retos**, v. 48, p. 374-379, 2023.

PARKER, Karika Ann. Female superintendents and complex adaptive systems leadership. **AASA Journal of scholarship and practice**, v. 22, n. 4, p. 29-36, 2026.





PAUTU, Anamaria; PETRACOVSKI, Simona; DOMOKOS, Martin. The impact of gender stereotypes on physical education lessons: a pilot study regarding the qualitative analysis of teachers' perceptions. **Frontiers in psychology**, v. 16, p. 1-10, 2025.

PEREIRA, Maria Elinete Gonçalves; MORAES, Lélia Cristina Silveira de. A base nacional comum curricular e o debate acadêmico: contribuições e contradições. **Práxis educacional**, v. 21, n. 52, p. 1-21, 2025.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre, RS: EdIPUCRS, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

PILL, Shane; GAMBLES, Ellen-Alyssa F.; GRIFFIN, Linda L. **Teaching games and sport for understanding**. New York, USA: Routledge, 2023.

POLONI, Luiz Henrique; FURLAN, Cássia Cristina. Educação física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.

PROCTOR, Zoe. **Time and space to think: Designing Collaborative Teacher CPD**". Disponível em: <<https://www.ucet.ac.uk/blog/17374/time-and-space-to-think-designing-collaborative-teacher-cpd>>. Acesso em: 26 abr. 2026.

ROCAMORA, Irene et al. Sport education model: motivation and life skills in physical education. **Cultura, ciencia y deporte**, v. 20, n. 66, p. 1-12, 2025.

SANZ REMACHA, María et al. What expectations and difficulties are perceived by pre-service physical education teachers when they implement the pedagogical model of teaching games for understanding? a qualitative study. **Cultura, ciencia y deporte**, v. 20, n. 66, p. 1-12, 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SHAOIB, Muhammad; ABDULLAH, Farooq; BANEEN, Ummel. Institutional patriarchy and pedagogical practices: gendered power relations in contemporary schooling. **Pakistan journal of social science review**, v. 5, n. 2, p. 608-625, 2026.

SILVA, Andreza da Paixão; COSTA, Eliane Miranda. O currículo escolar e as relações étnico-raciais: entre desafios e perspectivas na educação infantil. **Exitus**, v. 9, n. 5, p. 190-214, 2019.

SILVA, Angela Carranco. Escola e família: uma parceria em prol da escola inclusiva. **Revista do ISEP**, v. 1, n. 2, p. 41-55, 2003.

SILVA, Antônio Galdino Ferreira da; SILVA, Elielson dos Santos. Feminismo e educação: o papel da escola na desconstrução dos estereótipos. **Revista FT**, v. 30, 2026.





SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação Física escolar e a questão de gênero. *In*: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, v. 19, p. 52-68, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 163-170, 2016.

VAROTTO, Nathan Raphael. **Processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do futebol callejero**: percepção dos(as) formadores(as). 2024. 171f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2024.

VERA FERNÁNDEZ, David; PIZARRO MATEO, David; VALERO VALENZUELA, Alfonso. Effects of sport education model and a ludotechnical model hybridisation programme on motivation and intention to be physically active in physical education in secondary education. **Abacus**, v. 55, n. 1, p. 81-101, 2025.

VILLAFANÍA-SAMPER, Zilia *et al.* Effects of sport education model on meaningful experiences in physical education and (de) motivating teaching approaches. **Education sciences.**, v. 16, n. 1, p. 1-21, 2026.

WEINER, Jennie. Guest editorial: at the margins no more: centering women in K-12 leadership. **Journal of educational administration**, v. 64, n. 2, p. 125-130, 2026.

YAO, Gege *et al.* Effective implementation of the sport education model in physical education: a meta-analysis of participant and intervention characteristics. **Plos one**, v. 20, n. 10, p. 1-17, 2025.

ZANCHETTA, Aline do Amaral *et al.* Breve histórico das relações de gênero no Brasil. **Tópicos**, p. 1-20, 2025.

ZHANG, Jun Long *et al.* Optimizing learning outcomes in physical education: A comprehensive systematic review of hybrid pedagogical models integrated with the sport education model. **Plos one**, p. 1-22, 2024.

---

**Luis Eduardo Lima Santos**

<https://orcid.org/0000-0003-0103-3405>

<http://lattes.cnpq.br/8855722842210116>

Universidade Estadual do Piauí (Teresina, PI – Brasil)

[luisedufla8@gmail.com](mailto:luisedufla8@gmail.com)





### Edvaldo César da Silva Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-2300-5803>

<http://lattes.cnpq.br/0097595277903070>

Instituto Federal do Piauí (Teresina, PI – Brasil)

[edvaldooliveira32@hotmail.com](mailto:edvaldooliveira32@hotmail.com)

### Josivaldo dos Santos de Barros

<https://orcid.org/0009-0005-2975-0424>

<http://lattes.cnpq.br/0682616373449926>

Universidade Estadual do Piauí (Teresina, PI – Brasil)

[josivaldobarros80@gmail.com](mailto:josivaldobarros80@gmail.com)

### Fabiana de Andrade Ferreira Vasconcelos

<https://orcid.org/0000-0002-9557-1257>

<http://lattes.cnpq.br/5526387909746580>

Universidade Estadual do Piauí (Teresina, PI – Brasil)

[fabianinhaandradi@hotmail.com](mailto:fabianinhaandradi@hotmail.com)

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

**Autor 1:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autor 2:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autor 3:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

**Autora 4:** concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

## FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.





## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

SANTOS, Luis Eduardo Lima *et al.* Educação física escolar: a busca pela equidade de gênero na visão de docentes. *Corpoconsciência*, v. 30, e20514, p. 1-20, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e20514>.

---

**Recebido em:** 27/10/2025

**Aprovado em:** 07/05/2026

**Publicado em:** 03/06/2026

